

**A MORADIA COMO ESTRUTURA DA EXPERIÊNCIA.
EX-SISTÊNCIA COMO RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS: EXÍLIO,
ALTERIDADE E SUBJETIVIDADE**

**DWELLING AS A STRUCTURE OF EXPERIENCE.
EX-SISTENCE AS A RELATIONSHIP AMONG SPACES: EXILE,
OTHERNESS AND SUBJECTIVITY**

**LA VIVIENDA COMO ESTRUCTURA DE LA EXPERIENCIA.
EX-SISTENCIA COMO RELACIÓN ENTRE ESPACIOS: EXÍLIO,
ALTERIDAD Y SUBJETIVIDAD**

**LA DIMORA COME STRUTTURA DELL'ESPERIENZA.
E-SISTENZA COME RELAZIONE TRA SPAZI: ESILIO, ALTERITÀ E
SOGGETTIVITÀ**

Emanuela Mancino¹
emanuela.mancino@unimib.it

RESUMO

A proposta teórica e reflexiva desta contribuição pretende relacionar a ideia de morar com uma das propostas filosóficas mais frutíferas sobre a possibilidade de uma relação educacional em sua forma mais estética e sensível, ou de uma educação que considere o “*logos* sensível”. Trata-se de uma proposta que pretende captar o gesto estético da atenção, ancorada no pensamento de Maria Zambrano, ao propor que a habitação dialoga com as dimensões do exílio e da alteridade. Nesse sentido, a reflexão educacional se relaciona não apenas com o que é familiar (os espaços vividos da escola, os diversos contextos de aprendizagem), mas sobretudo com o que “nos passa”, ou seja, com o que nos permite ex-sistir, sair de onde normalmente nos encontramos. Este movimento, através do exílio e de suas metáforas, permite-nos experimentar a processualidade e o planejamento existenciais necessários para encontrar o outro e nos sentirmos como convidados. O passo ético adicional será planejar a recepção, tornando o gesto educacional um gesto cada vez mais disponível ao encontro. Sem uma reflexão sobre o exílio, sem o pensamento sobre a moradia e a alteridade não haveria a experiência da atenção.

PALAVRAS-CHAVE: EXÍLIO; MORADIA; FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO; ESPAÇO; FENOMENOLOGIA.

¹ Universidade de Milão-Bicocca

ABSTRACT

The theoretical and reflective proposal of this contribution intends to relate the idea of living with one of the most fruitful philosophical proposals about the possibility of an educational relationship in its most aesthetic and sensitive form, or an education that considers the “sensible logos”. of a proposal that intends to capture the aesthetic gesture of attention, anchored in the thought of Maria Zambrano, when she proposes that housing dialogues with the dimensions of exile and otherness. different contexts of learning, relate not only to what is familiar, but above all to what “passes us”, that is, with what allows us to exist, to leave where we normally find ourselves and its metaphors, allows us to experience the procedural and existential planning necessary to find the other and feel ourselves invited. An important step is to plan the reception, making the educational gesture an increasingly available gesture. Without a reflection on exile, without the thought about housing and otherness there would be no experience of attention.

KEY WORDS: EXILE; HOME; PHILOSOPHY OF EDUCATION; SPACE; PHENOMENOLOGY.

RESUMEN

La propuesta teórica y reflexiva de esta contribución pretende relacionar la idea de vivir con una de las propuestas filosóficas más fructíferas sobre la posibilidad de una relación educativa en su forma más estética y sensible, o de una educación que considere el “logos sensible”. Es una propuesta que busca captar el gesto estético de la atención, anclada en el pensamiento de María Zambrano, a proponer que la habitación dialoga con las dimensiones del exilio y de la alteridad. En este sentido, la reflexión educativa se relaciona no sólo con lo que es familiar (los espacios vividos de la escuela, los diversos contextos de aprendizaje), sino sobre todo con lo que “nos pasa”, o sea, con lo que nos permite ex-sistir, salir de donde normalmente nos encontramos. Este movimiento, a través del exilio y de sus metáforas, nos permite experimentar la procesualidad y la planificación existenciales necesarias para encontrar al otro y sentirnos como invitados. El paso ético adicional será planear la recepción, haciendo del gesto educativo un gesto cada vez más disponible al encuentro. Sin una reflexión sobre el exilio, sin el pensamiento sobre la vivienda y la alteridad no habría la experiencia de la atención.

PALABRAS CLAVE: EXILIO; MORADA; FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN; ESPACIO. FENOMENOLOGÍA.

RIASSUNTO

La proposta teorica e riflessiva di questo contributo intende mettere in relazione l'idea di dimora con una delle proposte filosofiche più interessanti e più feconde relativamente ad una possibile educazione alla relazione educativa nella sua

declinação più estetica e sensibile, ovvero secondo una educazione al “logos sensibile”. Si tratta di una proposta educativa che intende cogliere il gesto estetico dell’attenzione, prendendolo dal pensiero di Maria Zambrano, in particolare con le dimensioni dell’esilio e dell’alterità. Ciò conduce la riflessione educativa a mettersi in relazione non solo con ciò che è familiare (spazi vissuti della scuola, i diversi contesti di apprendimento), ma soprattutto con ciò che ci “spaesa”, e cioè con ciò che ci permette di ex-sistere, di uscire da dove normalmente ci si trova. Questa mossa, attraverso l’esilio e le sue metafore, consente di sperimentare la processualità e la progettualità esistenziale necessaria ad incontrare l’altro e a sentire anche se stessi come ospiti. Il passaggio etico ulteriore sarà quello di progettare anche l’accoglienza, rendendo il gesto educativo un gesto sempre più disponibile all’incontro. Senza una riflessione sull’esilio, quindi, il pensiero della dimora non avrebbe l’esperienza dell’attenzione.

PAROLE CHIAVE: ESILIO; ABITAZIONE; FILOSOFIA DELL’EDUCAZIONE; SPAZIO; FENOMENOLOGIA.

INTRODUÇÃO

Um dos desafios da educação mais urgente e mais necessário, diante de perspectivas formativas e sociais, é lidar com uma palavra obsoleta e o seu significado atual. De fato, isso se refere ao cuidado, tomado como responsabilidade, e com uma intencionalidade histórica, capaz de unir partes de uma identidade e uma narrativa coletiva cada vez mais fragmentadas e desorientadoras. Essa urgência destaca o tema “espaço vital”, não como uma mera dimensão espacial do fenômeno identitário, mas utilizado para representar esses laços de pertencimento que criam ‘território’.

Deve ser dito que a verdadeira identidade territorial passa a ser entendida como o processo de identificação, estabelecido entre uma comunidade e seu espaço vivido, distinguindo-se de identidade geográfica, como o ‘produto cognitivo’, resultante de um processo de análise e representação, permitindo identificar um certo campo espacial com base no seu entorno. Nesse sentido, o pensamento de Maria Zambrano (2016) é uma das propostas filosóficas mais interessantes e das mais frutíferas para se pensar uma possível educação da sensibilidade, entendida como uma opção de formação para os *logos* sensíveis, entre os quais a atenção.

Zambrano (2016) interage com o exílio, relacionando a alteridade com perspectivas que convidam à reflexão educacional sobre os espaços vivenciais em contextos escolares e de aprendizagens para enfrentar o que nos passa, permitindo-nos, assim, ex-sistir, com uma processualidade e como projetos existenciais, sem esquecer que se trata sempre de uma condição de convite possível. A dificuldade de encontrar aceitação permite que a experiência do vazio, que deseja interceptar,

venha a mostrar mais claramente o sentido de direcionamento e iluminar as ações educativas pela luz de um pensamento mais íntimo e aberto ao encontro.

Assim, o exílio, entendido como desorientação, reformula uma teoria do conhecimento na direção da atenção. A razão que captura essa experiência não é, portanto, racional ou discursiva, mas, de fato, reveladora do sensível. Seguindo a visão de Maria Zambrano (2016), partimos da necessidade, identificada pela filósofa espanhola, de encontrar um *ethos* que proponha um modo de ser comunidade, de ser *polis*, e de fazê-lo partindo da *poesia*, que normalmente é retirado da vida e da ética democrática. A poesia, portadora de verdades indecorosas, faz com que o gesto de chegar, diferentemente de se despedir, seja preciso. A poesia pode nos ensinar o que é a graça de estar no mundo. Rilke se refere muito bem a isso na *IX Elegia Duinese*:

Porque quando é dado para apoiar o curto período de tempo de estar lá, como o louro um pouco mais pobre que a luz de todos os outros verdes, com pequenas ondas em cada borda de suas folhas (como um sorriso do vento) - porque então devemos apoiar o que é humano, evitando o destino, ansiando pelo destino? [...] Não porque é felicidade [...] Não por curiosidade ou por treinamento do coração [...]. Mas porque é muito estar aqui, porque esse lugar parece precisar de nós, este lugar. Isso desaparece e o que nos preocupa [...]. Tudo uma vez, uma vez só, uma vez e nunca mais. E nós também uma vez. Nunca mais. (RILKE, 2006, p. 61)

Falamos da graça de um ser que é muito de um tempo, que nunca é novo. Existiria a possibilidade de que a educação nos permitisse experimentar a graça de estar aqui? (O termo não quer se referir a uma conotação religiosa). E existe a possibilidade de se contradizer um “nunca mais”? E que a identidade e a narrativa coletiva e contemporânea, cada vez mais fragmentadas, desorientadas e desorientadoras, encontrem o caminho da educação para a responsabilidade de estar ali, de estar aqui, de se formar em “respeito”, através de uma educação para o *logos* sensível? Uma educação que seja capaz de encontrar outra maneira de propor e defender a ideia de mais “uma vez”, de “novo” e de “ainda”?

MORADA, EXÍLIO E ALTERIDADE

Tentamos responder essas interrogações, tendo em conta um espaço de pensamento da educação que olhe em duas limitações: para o exílio e para a alteridade. Um pensamento educacional que leve em consideração os gestos de penetrar e de se apoiar nessas duas dimensões filosóficas da educação, que permita os termos e significados do lado dialético do exílio, que é a morada, e o sentido de vazio em diálogo com o sentido de inauguração.

A habitação não está situada no mundo objetivo, é o mundo objetivo que é definido com base na minha ideia de morada. O trabalho de habitar dá luz às coisas e

as transforma, porque transforma a natureza no mundo. Assim como a contemplação do olhar, o 'eu' está reunido em sua casa.

Para explorar o valor fundamental e educacional do exílio, é necessário, antes de tudo, viver todo o espaço da habitação. Levinas (2004), em *Totalità e infinito* [Totalidade e infinito], na seção dedicada à casa, analisa e critica Heidegger (1976), refere-se a um texto, que pode ser encontrado em *Saggi e discorsi* [Ensaaios e discursos] e que é realmente a transcrição de uma conferência, intitulada "*Building, dwelling, thinking*", of '51. Neste ensaio, Heidegger argumenta, entre outras coisas, que construir já é viver, você vive não apenas em raízes originais, que habitam o gesto que indica estar sob o céu (como faz o agricultor, que está relacionado com o clima, os ciclos, as condições envolventes), e que a vida também está fora, porque corresponde ao ato de ficar ao ar livre.

A dimensão do enraizamento é comparada à da transcendência. Para Levinas (2004), no entanto, habitar corresponde ao gesto de se retirar. Para este filósofo lituano, a construção de uma casa não descreve simplesmente um estar ao ar livre, mas chama um recolhimento na casa, um evento de separação. Morar, neste sentido, não seria um estar-no-mundo, mas é, ao invés disso, retirar-se do mundo ou, então, com ele. Nessa perspectiva, mesmo o mundo do estar-no-mundo muda, passo a passo: não temos um conjunto de "coisas úteis", mas estamos em contato com elementos com sabores e cheiros, isto é, com qualidades sensíveis.

É através do contato com esses elementos que podemos estar conosco. Merleau-Ponty (1985;1969) nos mostra que o olhar nos permite ver um ao outro, assim como o sentimento nos permite sentir, estar cientes. Estar dentro de si mesmo, e traduzir essa possibilidade em experiência, pressupõe que o sujeito seja percebido como um corpo localizado, como um elemento no espaço, que se possa percebê-lo como um lugar. Esta possibilidade é a de permanecer, isto é, de se instalar, de acontecer. Nesse sentido, habitar significa, portanto, sentar-se, representar-se no mundo ao tempo em que se representa o mundo, sentir-se distinto das coisas, mas em relação com elas. Morar pode ser, então, a possibilidade de acolher.

Para Levinas (2004), a moradia define uma estrutura de experiência. Em particular, para este filósofo, permitir a alguém, ou a outras pessoas, que permaneçam com eles, identifica o poderoso gesto de hospitalidade. Hospedar pressupõe, ao mesmo tempo, distância, alteridade, interação. Dizer e fazer uma casa, inevitavelmente, atrai um exterior e um interior. Para Levinas, o exterior é suspensão e o interior é ressonância. Entre os dois espaços ocorre o trânsito da experiência: entre a aprendizagem e a habitação. Espaço, morada e lugar conotam uma experiência capaz de ressoar.

Nesse sentido, pode-se investigar sobre as declinações educacionais de permanecer e sair da habitação, até perdê-la no exílio. Bachelard (1975) é outro autor de fundamental importância por suas reflexões sobre a poética do espaço, assim como pela fértil sugestão de seus textos, que deram a possibilidade de sentir poeticamente o mundo, as palavras, as imagens. De fato, Bachelard (1975) ilustra a diferença entre ressonância e essa experiência, intraduzível para o italiano, do termo utilizado por Bachelard, em língua francesa, e que se denomina *retentissement*.

Diferentemente da ressonância, a experiência do *retentissement* é semelhante a de um eco que mantém sua fonte e, portanto, permite a multiplicação de muitas ressonâncias. Se, na ressonância, o que acontece, acontece através de uma espécie de acidente, em que a ressonância pode então ser rastreada, até um fato ou uma explicação – no *retentissement* é mantida a ligação com o que permitiu o gesto do devaneio, do sonho, da imaginação. De modo que, no *retentissement*, continuamos a habitar conosco e na origem da ressonância.

Tornar-se construtores livres das modalidades dos caminhos existenciais do indivíduo, de estar no mundo, converge para uma liberdade existencial que causa, diante de outro mundo, duas emoções a serem sentidas. A primeira é a de uma deposição, que corresponde àquela de condição, comumente definida como deslocamento ou, melhor ainda, de pensar na localização da moradia, do exílio e da desorientação. A segunda emoção é, de fato, a do *retentissement*. O que Bachelard (1975) chama a essência da essência, verificável e audível ao lado de mundos poéticos. É o que acontece quando outro mundo se depara com o nosso e vice-versa, produzindo uma desorientação, uma mudança, uma transferência. Um mundo cria outro mundo. O primeiro mundo se torna um agente (poético, na noção de Bachelard) e, portanto, o outro. Enquanto que para o *retentissement*, o encontro leva o mundo íntimo a uma fonte original, permite-nos sentir e experimentar a experiência do verbo próprio da moradia, que acaba por ser a estadia.

É interessante notar, com relação a essa ação diária, que cada dia pode ter diferentes formas de viver um lar e que toda intimidade se refere à sua própria ulterioridade. Nas expressões “ficar em casa”, “estar em sua própria casa”, o termo “casa”, em diferentes idiomas, muda de sentido, dependendo se é uma residência, ou uma casa, um conceito afetivo, ou o conceito abstrato, aquilo que vemos de fora. Casa é diferente de *maison*, de *chez moi*, em francês, de *haus da behaustheit*, em alemão, ... Em latim, a residência continha os costumes, mas também os *morari*, a retenção, o tempo.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A casa é uma situação que requer uma parada. A casa é uma manifestação do próprio cosmos; é um reflexo da morada do ser, dos costumes, hábitos e *ethos* da vida. Assim, a dialética entre casa e o exílio como saída, expulsão, suspensão, distância, vai além de apenas uma dor, tal como afirma Maria Zambrano (2016). Essa dialética traz com intensidade, conforme a autora evidencia em seus escritos do exílio, sentimentos de desprendimento da terra, que é preenchido com a literatura e não como faz, infelizmente, a crônica diária. Isso implica uma condição existencial de *epochè*, que a filósofa espanhola recorda, nos seus escritos, como necessária, para ela.

O exílio torna-se não só estar fora de casa, mas a recuperação de uma condição ontológica de que fala Heidegger com a palavra *Verfallenheit*. Para Maria Zambrano (2016), essa palavra permite contemplar sua própria história, e transformar a casa numa realidade histórica, possibilitando o trânsito para uma memória que pode inaugurar novos mundos e novas rotas existenciais.

A ligação entre moradia e exílio nos permite, portanto, recuperar o espaço da hospitalidade que habita o vazio para torná-lo possível. “Eu não posso conceber a minha vida sem o exílio: era como minha casa ou como o tamanho de um país desconhecido, mas que, uma vez conhecida, torna-se indispensável” (ZAMBRANO, 2016, p.156). Portanto, o exílio pode se tornar traços e limites de um caminho ininterrupto. A pessoa se perde e experimenta momentos de deslocamento existencial e educacional para começar e recomeçar. De acordo com a lição da filósofa espanhola, esse gesto educacional e re-fundacional corresponde a um des-nascer, um nascimento diferente que nos faz pensar em novos começos.

Assim, a tarefa da educação, que problematiza a habitação, é ser capaz de criar espaços diante da possibilidade de exílio como forma de reinício existencial na direção de um planejamento. Isso porque o exílio da cara pátria é processual e a metodologia da hospitalidade do outro e de si mesmo considera que as pessoas são capazes de fazer a transformação, e de educar por um gesto responsável por todos os envolvidos, bem como pela construção de habitações. De modo que o sentido ético e político é baseado em gestos poéticos.

Esses gestos certamente não são românticos, mas poéticos no sentido efetivo e criativo. Porque é a graça de estar aqui e de sentir o que nos diz respeito, que pode nos mover a educar as pessoas para que tenham em conta a época do reinício e de colocar esse recomeço como “direito à vida no trabalho do mundo”, outra vez, mais uma vez e muitas outras vezes.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **La poetica dello spazio**, Dedalo: Bari, 1975.

CONTINI, M. G.; Fabbri, M. **Il futuro ricordato. Impegno etico e progettualità educativa**, Pisa: Casa Editrice ETS, 2014.

CONTINI, M.G., Bertin, G. M. **Educazione alla progettualità esistenziale**, Armando Editore, 2004.

HEIDEGGER, M. **Saggi e discorsi**, Mursia: Milano, 1976.

MERLAU-PONTY, M. **La fenomenologia della percezione**. Milano: Bompiani, 1985

----- **Il visibile e l'invisibile**. Milano: Bompiani, 1969

LEVINAS, E. **Totalità e infinito**, JakaBook: Milano, 2004.

RILKE, R. M. **Elegie Duinesi**, Feltrinelli: Milano, 2006.

ZAMBRANO, M., **L'esilio come patria**, Morcelliana: Brescia, 2016.

SOBRE A AUTORA

EMANUELA MANCINO. É professora de Filosofia da Educação na Universidade de Milão-Bicocca. É diretora do Laboratório de Filosofia e Pedagogia do Cinema na Cineteca Di Milano. Diretora da Escola de Autobiografia na Casa della Cultura, em Milão. É autora de numerosos textos sobre a dimensão estética de educação, a partir da escrita da autobiografia, do cinema, da literatura, da arte e da poesia.

RECEBIDO: 28/02/2019.

APROVADO: 18/03/2019.